



IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha

Patriarca: Tonapa

ANO IV - N.º. 42

Arcanjo da Estação Inverno: GABRIEL

Setembro 2006

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.

Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

Origem da ordem dos Rosa – Cruzes I

O exame das origens da Ordem dos Rosa-Cruzes nos leva a um passado remoto. Michael Maier escreveu com razão no seu "Silentium post clamores" que os Rosa-Cruzes são os sucessores dos colégios dos Brâmanes Hindus, dos Egípcios, dos Eumolpidas de Elêusis, dos Mistérios de Samotrácia, dos Magos da Pérsia, dos Ginosofitas da Etiópia, dos Pitagóricos e dos Árabes. Ele teria podido acrescentar as escolas dos neoplatônicos (Ammonio Saccas, Plotino, Porfírio, Jâmblico, Proclo), as comunidades gnósticas, os Albigenses, as Ordens de Cavalaria, os Templários, e num certo sentido, as seitas dos Valdenses, dos Begardos e dos Hussitas.

A luz da verdade tem brilhado em todos os tempos à margem do ensinamento esotérico das religiões.

Citam-se como portadores dessa luz escondida, antes da aparição dos Rosa-Cruzes, principalmente Gerard de Carmone, aliás, Cremona (na Andaluzia), cerca de 1114 – 1187, professor da Universidade de Toledo e que primeiro tra-

duziu Aristóteles e Ptolomeu para o latim; Alberto, o Grande (1193-1288), cognominado "doctor universalis", o famoso professor da Universidade de Rabisbonna, Estrasburgo, Colônia e da Sorbonne, o seu aluno, o grande Tomás de Aquino (1225-1274), defensor dos escritos hebraicos contra a mania de destruição das obras que fossem católicas romanas; Pico de Mirandola (1463-1494), não menos "de re omni scibilus", do que Alberto, o Grande, e Reuchlin o autor de "De Verbo Mirífico", professor da Universidade de Tübingen (1481) e de Ingelstadt (1519). Um lugar todo especial entre os precursores dos Rosa-Cruzes é ocupado por Dante Alighieri, como o demonstrarei mais longe.

O atual "Imperator" da "Rosae Crucis Society" na América, estabeleceu a relação direta que existe entre os Rosa-Cruzes e os Mistérios do Egito. Ele declara em seu estudo "History of the Order Rosae Crucis" (1 – Ver "The Channel", 1915-1916, Números 3 e 4), que o rei Thotmés III (1500-1447 AC.) foi o verdadeiro fundador da Ordem dos Rosa-Cruzes, tendo instituído diversas regras que ainda estão, atualmente, em vigor.

Doze membros, nove irmãos e três irmãs, dentre as quais se encontrava a esposa de Thotmés, assistiram à fundação, escreve o "Imperator". As reuniões tinham lugar todas as quintas-

feiras. Na Quinta-feira que precedia a lua cheia, depois do equinócio da primavera, era celebrada uma cerimônia especial que, com as modificações trazidas pelo tempo, se observa ainda nos usos da Quinta-feira Santa. O sinete de Thotmés teria sido conservado e se encontraria presentemente em poder do próprio "Imperator". Um dos sucessores de Thotmés, Amenoteph III, foi o autor de uma filosofia profunda e de escritos que seriam ainda empregados, atualmente, por todas as lojas Rosa-Cruzes do mundo.

A ordem contava 300 membros, incluindo 62 irmãs, sob o reinado de Amenoteph III. Este soberano erigiu o templo de Karnak com a forma da Cruz ansada, reunião da Rosa com a Cruz, e desenhou os símbolos, notadamente a Rosa e o Crescente, que fizeram parte do simbolismo dos Rosa-Cruzes.

Pode-se acrescentar, aqui, que os reis do Egito, que eram Iniciados, possuíam uma vasta ciência, posteriormente perdida. Conheciam os processos de transmutação dos metais em ouro, da indústria química das cores e da fabricação do fogo prego e de materiais explosivos de que fizeram uso, unicamente, como meio de defesa contra ataques externos. Nos mistérios Egípcios, a ciência andava de par com a filosofia. A Arte Real significava, assim, ao mesmo tempo, Sabedoria e Conhecimento da natureza, especialmente da Química. Mais tarde, quando os mistérios Órficos caíram em decadência, os filósofos gregos se encaminharam para as escolas dos Mistérios Egípcios com o objetivo de ali receberem ensinamentos esotéricos e herméticos. Entre eles podemos citar Solon, Thales, Demócrito, Pitágoras e Platão.

O Cristo deu também aos seus discípulos uma doutrina secreta, que não

era destinada ao mundo exterior. Em um de seus "Logia", ou curtas alocuções públicas, ele dizia: "Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis as vossas pérolas diante dos porcos, para que não suceda que as calcuem com os pés e, voltando-se, vos despedacem". (Mateus 6 – 7) Este ensinamento esotérico formou a tradição dos Gnósticos e é encontrado em seus escritos, especialmente em "Pistis Sophia" (Fé - Sabedoria)

Pouco a pouco, entretanto, essa tradição foi divulgada por candidatos insuficientemente preparados e, se tornou conhecida sob uma forma alterada que lhe tirou a boa reputação. Foi então que Constantino, depois de sua vitória sobre Maxêncio, "pelo sinal da cruz", em 312, achou necessário instaurar a unidade na Igreja (reuniu, para isso, o Concílio de Niceia, em 325) e extinguir em toda parte a luz dos antigos Mistérios (1-Constantino interditou todo serviço dos Mistérios, como os de Mitras, de Serapis e de Baco, dos Kabir-pantis, dos Druidas e dos Gnósticos. A proibição foi sancionada por seus sucessores, Valentim, em 372, Teodósio I, em 381 e Teodósio II, em 450).

Arvorou-se em defensor da unidade da fé, em oposição as diversas seitas que se tinham formado no Cristianismo e das quais o Maniqueísmo era a principal, colocando-se, assim, no ponto de vista que Santo Agostinho (354-430) iria mais tarde defender com tanto ardor. (1 – Mais tarde o Gnosticismo penetrou em grande parte na Igreja ortodoxa, porque Alberto, o Grande, São Tomás de Aquino, Pierre Lombard, São Vítor, Francisco de Assis e outros, podem ser contados entre os Gnósticos. São Bernardo de Clairvaux, o famoso reformador da disciplina na Igreja, no início do século XII, assim se exprime a respeito dos Gnósticos: "Se lhes perguntais qual a

sua fé, ela é toda cristã; e se escutais suas prédicas, não as há mais inocentes; e seus atos estão em harmonia com as suas palavras.”). As cruzadas trouxeram a luz do Oriente e inaugurou uma época em que o espírito místico não mais se poderia contentar com a palavra de vida cristalizada na dogmática da Igreja. Elas deram nascimento a um movimento que teve a fundação da Ordem dos Rosa-Cruzes, por resultado.

Sédir escreve em sua “Histoire des Rose-Croix” que esse movimento se exprimiu de três modos diferentes: 1 – o Gnosticismo seguido pelos Cátaros, pelos Valdenses, pelos Albigenses e pelos Templários, de quem Dante foi o interprete genial; 2 – O Misticismo conventual; 3- As tradições alquímicas e herméticas que se encontram nas “Rosaria”.

Nesses tempos de opressão da liberdade da Fé, o segredo dos Iniciados foi conservado “sub-rosa”; sob este símbolo antigo sua verdade foi velada, principalmente, entre os trovadores, (2- Havia diversos gêneros entre os poemas escritos pelos trovadores: os gêneros galante, histórico, didático, sátiro, teológico, místico e hermético. O último foi representado, entre outros, por Wolfram von Eschenbach, autor de um poema sobre o Graal, no qual é proclamado o sistema da preexistência e das vidas sucessivas da alma. O trovador Pierre Cardinal interpretou também a lenda do Graal numa linguagem velada), e os escritores.

“O Romance da Rosa”, de que a primeira parte foi escrita por Guillaume de Lorraine em 1260, e que foi terminado por Jean de Meung, assim como a “Divina Comédia”, de Dante, são duas formas diferentes exprimindo um mesmo pensamento. A primeira dessas obras é, simultaneamente, uma sátira dirigida

contra os grandes e os eclesiásticos da época, e uma revelação velada do hermetismo e da alquimia. (1 – O papa João XXII lançou em 1317 a bula “Spondent que non exhibent” contra os alquimistas).

A Segunda, escreve Eliphas Levi em sua “História da Magia”, é uma aplicação gnóstica e joanística do ensinamento da Cabala aos dogmas cristãos; o paraíso é ali representado por uma série de círculos divididos pela cruz, que tem no centro a rosa de pétalas largamente abertas. (2- Dante emprega, nos diferentes cantos de o “Paraíso”, vários outros símbolos que a franco-maçonaria reclama como de direito lhe pertencendo, tais como: a escada mística, a águia imperial, o pelicano, a “Ceia do Cordeiro”, as colunas da Fé, da Esperança, da Caridade, o ponto, do círculo e o quadrado. Dante prova, de resto, em sua “Divina Comédia”, que era membro de uma sociedade cujo ritual apresentava notáveis analogias com o empregado ainda hoje na franco-maçonaria. Os versos, profundamente simbólicos, escondem esse ritual de sua sociedade, que é unicamente a imagem exterior do desenvolvimento purificador pelo qual o homem se esforça para restabelecer sua unidade com a Divindade).

(Cap. I da “Histoire des Rose-Croix” de Fr. Wittermans) - (Continua)

Gnose dezembro 1936

O Pensamento Grego

Para Curtius, um dos paradoxos mais atordoantes no meio helênico é o predomínio multissecular do culto de Apolo numa raça avessa, por índole, a qualquer submissão teocrática e ciosa da liberdade individual sem peias.

É que o sacerdócio délfico, longe de ser anti-helênico, foi precisamente o fator do espírito helênico, o seu cultivador obscuro e pertinaz, o animador de todos os movimentos tendentes à emancipação espiritual, a

harmonia em todas os sentidos, ao equilíbrio social e a paz entre as cidades.

E por que? Porque estava e está nisso a mais profunda essência do gnosticismo, e o culto apolíneo era a Gnose.

A Gnose impugna a salvação externa, o melhoramento individual de fora para dentro, imposto e contra regrado por mandamentos e dogmas, programatizado, mecanizado por tabelas de pecados e fórmulas absolutórias.

Gnose quer dizer conhecimento. A primeira virtude, isto é, a única virtude para o gnóstico, é o conhecimento. O ignorante só se salvará buscando conhecer. Persistir, por displicência na ignorância é condenar-se ao cárcere corporal, perpétuo, às regiões inferiores do material, aos infernos da nomenclatura antiga.

Procurar saber é progredir, é tentar o reino dos céus, mas, para saber tudo, basta ao homem indagar o que ele é. Ele é o microcosmo e o microcosmo não difere, em nada, do macrocosmo. Um dos axiomas da Gnose antiga é a identidade substancial de mundos e seres. Para a Gnose procurar Deus no infinitamente grande é, precisamente, a mesma operação que procurá-lo no infinitamente pequeno, e querer achá-lo no universo insondável é método contraprodcente já que o temos bem pertinho de nós, em nós mesmos, porque o Ego da criatura é o mesmo "Ego" divino.

Subir, portanto, na evolução espiritual, para um gnóstico de qualquer escola, é tarefa do indivíduo. Ninguém ascenderá, um degrau sequer, guindado por outrem. Há de galgá-lo por esforço próprio, firmado num arrimo único, insubstituível; o conhecimento. "GHÔTHI SE AUTON; Nosce te ipsum" (conhece-te a ti mesmo).

Para isso, impõe-se uma condição indispensável: a liberdade. Sem essa faculdade de escolha, de experiências próprias, de desenganos e decepções pessoais, nenhum homem, cobiçoso do progresso anímico, logrará saber. E eis porque o sacerdócio délfico, anônimo e recôndito, se tornou, por seu zelo na defesa dessa liberdade, o maior guarda do helenismo contra a premente ameaça do Oriente anti-libertatório. Efetivamente, as religiões asiáticas andaram sempre açambarcadas pelo Estado absoluto, ou melhor, conforme a técnica moderna, pelo estado totalitário.

Tolerai-me que eu vos leia uma página muito elucidativa do mesmo historiador:

"Esse sentimento de liberdade, informamos ele, manifesta-se também nas formas mesmas da mântica. De todos os desenvolvimentos que assumiu, entre Etruscos e Romanos, a ciência da adivinhação, achamos-lhe os germes entre os helênicos. Conheciam tão bem quanto os romanos a observação das aves. Não há espécie animal que tenham estudado com mais cuidado e preferência e, em parte alguma, foi tal ciência mais bem informada. Porém, repugnantes dar aos auspícios uma forma sistemática tal qual sucedeu na Itália, onde, posto a serviço da política prática, foram rigorosamente regulamentados, como tudo quanto importava ao Estado. Algo análogo se acha em Esparta. Ali também, a vida pública, em postos essenciais, era regulada por sinais celestes. A eleição dos éforos parece ter se prendido aos auspícios e invocaram-se, para fazerem passar certas medidas políticas, as visões obtidas em sonho, no santuário de Pasifal.

Em Atenas, ao contrário, o espírito helênico se liberta mais que em qualquer parte, de tais penas e repele toda sorte de sugestão. É verdade que as práticas tradicionais da adivinhação se perpetuavam em certas famílias e o Estado reconhecia a importância dessas famílias, por exemplo, os Pitiastes e os Deliastes, os quais, de um lugar consagrado, observavam os relâmpagos iluminando o Parnes e determinando, conseqüentemente, o instante das teorias para Delos e Delfos. Entre o povo a superstição mantinha-se e ganhava novas forças nas épocas turvas e agitadas. Os burgueses de Atenas, também, separavam-se precipitadamente, mal sobrevinha um fenômeno meteorológico desacostumado ou lhes esquivara nas fileiras um animal de mau agouro. Tais incidentes podiam, de tempo em tempo, ser aproveitados pelo interesse de um partido; porém quanto mais se depurava, no Estado de Sólon, a consciência pública, mais esses fatos iam perdendo importância e mais se afirmava essa aspiração a independência moral, inata no espírito grego. Cada vez mais, por crescente progresso, livrou-se ele da influência das coisas naturais e quis achar, em si mesmo, as leis da sua atividade, começando por estar de acordo com as regras estabelecidas pelos deuses. (continua) SYRIUS – Gnose dezembro 1935